

Fim da *Externa* moratória facilita renegociação, diz Mulford

Helival Rios

O subsecretário do Tesouro dos Estados Unidos, David Mulford, aconselhou ontem o Brasil a retomar o pagamento dos débitos atrasados que o País mantém junto à comunidade financeira internacional, coisa que, no entendimento daquela autoridade do governo norte-americano, facilitaria normemente os acordos da dívida externa e a normalização do relacionamento entre a economia brasileira e o resto do mundo.

Mulford esteve ontem no Palácio do Planalto, onde foi recebido pelo secretário-geral da Presidência da República, embaixador Marcos Coimbra, para uma conversa muito amigável e muito descontraída —, segundo alguns dos seus participantes.

Nessa conversa que manteve com o embaixador Marcos Coimbra, o subsecretário norte-americano mostrou-se muito otimista com as perspectivas futuras da economia brasileira, destacando que o plano econômico ora em execução pelo atual governo teve um impacto extremamente positivo nos países desenvolvidos, principalmente nos Estados Unidos, que são o principal credor brasileiro e o principal parceiro comercial do Brasil.

As colocações de Mulford sobre as questões de dívida externa foram feitas durante encontros que ele manteve ontem com diversas autoridades do governo brasileiro, entre elas o presidente do Banco Central, Ibrahim, Eris, e a ministra Zélia Cardoso de Mello.

O subsecretário do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, não poupou palavras e foi objetivo durante sua conversa de 40 minutos com a ministra da economia, Zélia Cardoso de Mello, abordando assuntos que, por enquanto, são tabus, na área externa: a solução do governo brasileiro para os atrasos no pagamento dos juros, que somarão US\$ 10 bilhões até o final do ano, e a questão não menos polêmica, como a retomada das negociações com os bancos sem a intermediação do comitê assessor — tradicionalmente o acordo é negociado com um comitê que representa todos os credores.

Novos capitais

David Mulford acha que o processo de modernização da economia brasileira, em franco desenvolvimento pelo atual governo, poderá, efetivamente, atrair novos capitais para o País, notadamente na forma de investimentos diretos (capital de risco). Ele disse que há muitas empresas no seu país interessadas em participar mais ativa-

mente do processo de desenvolvimento brasileiro. Mas para que isso ocorra, segundo destacou nas conversas mantidas ontem, é necessário que o Brasil mantenha sempre regras econômicas estáveis e claras.

Entende o subsecretário norte-americano que a partir do processo de modernização de sua economia, o Brasil poderá atrair mais facilmente novos negócios e novos investimentos para o seu território.

No Palácio do Planalto, a maior parte da conversa de Mulford com Coimbra, da qual participaram também o embaixador dos Estados Unidos, Richard Melton, e o assessor econômico do Palácio do Planalto, Celso Marcos, conversou sobre a crise do Golfo Pérsico e o Plano Bush.

No entendimento de David Mulford, toda a América Latina terá muito a ganhar, caso aceite os princípios básicos do Plano Bush, que visa a uma maior integração econômica do Continente, uma forma, inclusive, de se fazer frente diante da crescente unidade européia. Os países da América Latina e os Estados Unidos devem também procurar facilitar o comércio entre si e abrir novas frentes de desenvolvimento, incluindo-se aí uma maior difusão de novas tecnologias.